

UM DIA DE CÃO

humanos e cães na Terra do Fogo
argentina sob a perspectiva do
trabalho animal



HUM
ANIM
ALIA

Luisa Amador Fanaro

UM DIA DE CÃO

humanos e cães na Terra do Fogo
argentina sob a perspectiva do
trabalho animal

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2025

Copyright © 2025 da autora.

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Profª Drª Adriana Garcia Gonçalves

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profª Drª Aline Maira da Silva ORCID

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD / PPGEduc

Prof. Dr Alonso Bezerra de Carvalho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Prof. Dr Antenor Antonio Gonçalves Filho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira

Universidade Federal de Goiás – UFG

Profª Drª Camila Mugnai Vieira

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Profª Drª Cláudia Starling Bosco

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / FaE

Prof. Dr Felipe Ferreira Vander Velden

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr Fernando de Brito Alves

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof Dr Hugo Leonardo Pereira Rufino

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus
Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico

Profª Drª Jacylene Melo de Oliveira Araujo

Universidade Federal de Rio Grande do Norte – UFRN

Profª Drª Jáiina Pinheiro de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann

Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul – Campus de Três Lagoas – UFMG

Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Prof. Dr Lucas Farinelli Pantaleão

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profª Drª Luciana Salazar Sagado

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / LABEPPE

Prof. Dr Luis Carlos Paschoarelli

Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faac

Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profª Drª Marcia Machado de Lima

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Marcio Augusto Tamashiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – IFTO

Prof. Dr Marcus Vinícius Xavier de Oliveira

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Mauro Machado Vieira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr Osvaldo Copertino Duarte

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr. Ricardo Cuenca

Universidad Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru)
e do Instituto de Estudios Peruanos (IEP).

Profª Drª Zulma Viviana Lenarduzzi

Facultad de Ciencias de la Educación – UNER,
Argentina

Projeto gráfico e capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Ilustração: Fátima Boeri

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Francisco Antonio Soria Martins

franciscosoriamartins@outlook.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

F199

Fanaro, Luisa Amador.

Um dia de cão : humanos e cães na Terra do Fogo
argentina sob a perspectiva do trabalho animal [recurso
eletrônico] / Luisa Amador Fanaro. — 1. ed. — São Carlos :
De Castro, 2025.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-284-0082-9

1. Cães – Terra do Fogo (Argentina e Chile). 2. Cães
em trenó – Terra do Fogo (Argentina e Chile). 3. Terra do
Fogo (Argentina e Chile) – Descrições e viagens.
4. Corridas de cães em trenó – Terra do Fogo (Argentina e
Chile). I. Título.

CDD23: 982.76

I-0608252

Biblioteca: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

ISBN: 978-65-284-0082-9

DOI: 10.46383/isbn.978-65-284-0082-9

*Todos os direitos desta edição foram reservados a Luisa
Amador Fanaro. A reprodução não autorizada desta
publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos
direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).*

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



À minha mãe (em memória), a quem
devo meu amor pelos animais.

*Um galo canta muito longe, e em seguida outro, mais próximo.
Muitas vezes tenho vontade de lhes responder. Mas só sei emitir
cacarejos humanos, não tangos de galo.*

Mario Benedetti

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo ao orientador da pesquisa que deu origem a este livro, Felipe Ferreira Vander Velden, por seu apoio, amizade e conhecimento compartilhado ao longo dos últimos dez anos. Tenho por ele enorme admiração e carinho. Sem suas leituras, revisões e ideias, este livro não seria o que é.

Ao Leon, meu companheiro, devo muito pelas leituras cuidadosas e sugestões ao longo desses anos, e por sua parceria, apoio e imensa paciência. Sem ele, as horas e horas dedicadas a este trabalho teriam sido extenuantes. Agradeço-lhe por sempre estar ao meu lado, ajudando-me e incentivando-me nos momentos mais difíceis. Pela aconchegante companhia e pela vida compartilhada, nunca serei suficientemente grata.

Aos companheiros do grupo de estudos *Humanimalia* – Antropologia das Relações Humano-Animais, agradeço pelos animados debates e pelo ambiente sempre colaborativo. Aos professores do PPGAS da UFSCar, sou grata pelo auxílio e aprendizado durante todos esses anos, que me permitiram crescer como estudante e pesquisadora.

Aos membros da banca de qualificação, Pedro Augusto Lolli e Piero de Camargo Leirner, sou grata pela leitura atenta de meu texto e pelas muitas ideias pertinentes. Agradeço novamente a Pedro, e a Carlos Emanuel Sautchuk, por terem aceitado o convite e participado da banca de defesa da dissertação que deu origem a este livro, e também por seus inúmeros comentários e sugestões valiosas.

Aos *mushers* e outros colegas em Ushuaia, a quem também devo este livro, meus mais sinceros agradecimentos: a Hugo Flores, que me acolheu da melhor maneira possível; a Leonardo, Nahuel, Jorge e Hernan, que me receberam muito bem e fizeram de meu tempo com eles algo divertido e prazeroso; a Nico e Luciano, que, apesar da pouca convivência, muito me ensinaram; e aos *mushers* de *Valle de Lobos* e a Miguel, sou grata pelas conversas e pelo compartilhamento de experiências. Aos meus companheiros caninos em *Siberianos de Fuego*, meu muito obrigada!

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo suporte financeiro que viabilizou a pesquisa aqui apresentada (processo número 2017/13073-7).

Finalmente, aos meus pais, Maria Angélica (em memória) e Aurelio, e à minha irmã, Paula, devo muito do que sou e, conseqüentemente, do que é este trabalho. Sem eles e seu apoio e amor desmedidos, nada disso teria sido possível. Palavras não são suficientes para expressar o quanto sou grata por tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim.

Mãe, obrigada por me ensinar a amar tudo o que respira neste mundo.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Felipe Vander Velden 13

INTRODUÇÃO

DE TRABALHADORES DÓCEIS A ABOMINÁVEIS CRIATURAS,
OS CÃES NA TERRA DO FOGO 15

CAPÍTULO 1

ONDE ESTÁ O CÃO? 31

PARTE 1

TURISMO, A FORÇA MOTRIZ DO EXTREMO SUL DA AMÉRICA DO SUL 35

PARTE 2

VALLE DE LOBOS: DO PIONEIRISMO ÀS DENÚNCIAS 43

PARTE 3

SIBERIANOS DE FUEGO: UM NEGÓCIO FAMILIAR 53

PARTE 4

O ENCUENTRO MUSER 69

CAPÍTULO 2

SOBRE RAPOSAS, EXPEDIÇÕES ANTÁRTICAS, ANIMAIS DANINHOS

E GLOBOS DE NEVE 85

PARTE 1

O PERRO FUEGUINO: CÃO OU RAPOSA? 89

PARTE 2

O CÃO AUTÓCTONE DO CONTINENTE GELADO 99

PARTE 3

O MELHOR AMIGO DO HOMEM? 107

PARTE 4

A AMÉRICA INVERTIDA 117

CAPÍTULO 3

UMA COREOGRAFIA ONTOLÓGICA ARGENTINA 137

PARTE 1

APRENDENDO A TRACIONAR (E A CONDUZIR) UM TRENÓ 145

PARTE 2

DOMESTICAÇÃO E NATURALIZAÇÃO DOS CÃES DE TRENÓ 165

PARTE 3

O (NÃO TÃO) DISCRETO CHARME DA BURGUESIA 179

PARTE 4

TRABALHANDO COMO UM CÃO: O QUE OS CÃES NA TERRA DO FOGO TÊM A NOS ENSINAR
SOBRE O TRABALHO ANIMAL 191

SOLTANDO OS CACHORROS 205

REFERÊNCIAS 209

ÍNDICE REMISSIVO 223

AUTORA 227

PREFÁCIO

Cercados por um crescente número desses nossos filhos e filhas peludos e de quatro patas, que dormem em nossas camas, tomam parte significativa de nossos ganhos, demandam tratamentos de saúde, procedimentos estéticos, acessórios e alimentos exclusivos e caros, movimentando, dessa forma, um mercado global de quase 125 bilhões de dólares americanos, frequentemente nos esquecemos – e até certa teoria do bom para devir às vezes esquece – de que o cão é muitos. Bons para pensar, para xingar, para proibir, para trabalhar, para simbolizar e – supremo sacrilégio – até mesmo bons para comer, o cachorro se conjuga de múltiplas formas. É disso que trata esta belíssima etnografia de Luisa Amador Fanaro entre os animais que puxam trenós na neve e no gelo da Terra do Fogo, República Argentina, extremo meridional do continente americano.

Em primeiro lugar, cães trabalham. Tornaram-se parte destacada na indústria do turismo que movimenta a província mais austral de nossa vizinha platina, puxando trenós em passeios e competições esportivas e, com isso, atraindo profunda admiração de estrangeiros e locais, profissionais e visitantes. Luisa mostra, neste livro, como as relações de trabalho entre humanos e cachorros se sustentam em complexas e delicadas negociações cotidianas, que envolvem as capacidades de comunicação interespecífica e a atenção muito estrita às individualidades e ao temperamento de cada animal; além, claro, dos cuidados com suas necessidades como trabalhadores – o que nem sempre acontece, como mostram os revoltantes episódios de maus-tratos em alguns dos *criaderos* da região.

Ao abordar o trabalho animal – tema lamentavelmente ainda pouco explorado, mesmo com a recente explosão dos *animal studies* no Brasil –, esta etnografia argumenta que tais interações vão muito além da tensão entre dominação e companheirismo: os homens sujeitam ou exploram os cães, ou ambos são vítimas de um mesmo sistema que extrai sem cessar de um proletariado multiespecífico? Não se trata, obviamente, de escamotear essa questão fundamental, mas de demonstrar como pensá-la a partir das sutilezas envolvidas nos diferentes encontros mutuamente constitutivos entre variados atores humanos e caninos. E, de quebra, nos fazer recordar que, muito antes de serem os filhinhos do papai e da mamãe, cachorros trabalham, caçando, guardando aldeias, pastoreando rebanhos, eliminando dejetos, buscando vítimas desaparecidas, ombro a ombro com seus camaradas humanos há, talvez, mais de cem mil anos.

Porém, nos interstícios das ações e inações humanas que tecem nexos interespecíficos na Terra do Fogo, os cães também feralizam. Ponto extremo, talvez, do funcionário indisciplinado, ou protofiguração do franco revolucionário, os

animais por vezes escapam às malhas da contenção cultural – a casa, o emprego, a faina, a gaiola – e passam a vagar livres a ameaçadores pelas paisagens pouco habitadas da Ilha Grande. Atacando criações de ovelhas, colocando caminhanes em risco e competindo com a fauna endêmica, esses cachorros convertem-se em matilhas, bandos, *jaurias* e, deste modo, realizam, como cachorros, esses bichinhos familiares de grito mais estúpido, a fantasia deleuziana da legião animal, mesmo que um pouco a contragosto do filósofo francês. Os cães devêm lobos, mas, claro, não são lobos, porque lobos só existem no Norte. Ou não, já que em Ushuaia, capital da província, Luisa nos apresenta um *Valle de Lobos*.

Com isso, trabalhando firmemente enredados nas tramas dos negócios humanos ou escapando delas pelo asselvajamento, os cães obviamente também significam, simbolizam – porque, como temos defendido em nossos trabalhos no âmbito do *HUMANIMALIA - Antropologia das Relações Humano-Animais* (grupo de pesquisa da Universidade Federal de São Carlos que coordeno, e do qual a autora é uma das mais competentes integrantes), os animais não são somente agentes, atores ou sujeitos para relação, mas seguem sendo, igualmente, estofo para reflexão, em uma perspectiva sempre e inapelavelmente material-semiótica. Assim, os cães servem às operações do pensamento e aos devaneios sempre ambivalentes da cultura: ao comunicarem, reagirem, obedecerem ou individualizarem, bagunçam as fronteiras entre o humano e o não humano; ao trabalharem com trenós, invertem polaridades, fazendo do Sul um norte – como no célebre desenho de Torres García – em que correm máquinas, nomes e evocações inuítes ou nórdicas, na companhia de lobos e raças caninas primitivas; ao feralizarem, desafiam a oposição entre a natureza e a sociedade, entre o doméstico e o selvagem. O cão, definitivamente, é muitos.

Alinhavando seus notáveis resultados de pesquisa de campo com as produções teóricas de várias vertentes dos estudos animais, além de dialogar intensamente com outras subáreas da disciplina antropológica (como a antropologia das técnicas), este livro, escrito na companhia de Vicente – o mais incrível babão que já conheci, e a quem a obra é dedicada – é um convite sério a repensar nossos vínculos com os cães e com outros companheiros não humanos. Junto a uma espetacular etnografia visual, que ratifica que são mesmo os cachorros da Terra do Fogo os principais atores e atrizes do contexto analisado, o texto de Luisa Amador Fanaro, originalmente sua dissertação de mestrado defendida em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar, nos leva prontamente a reconhecer que o latido não é a vergonha do reino animal: a mais pungente vergonha do reino animal é nós não sabermos ouvi-lo e compreendê-lo.

Felipe Vander Velden

São Carlos, outono de 2025.

INTRODUÇÃO¹

DE TRABALHADORES DÓCEIS A ABOMINÁVEIS CRIATURAS, OS CÃES NA TERRA DO FOGO

Avançam juntos, aos pares, em marcha elástica, não tanto conduzidos pelo humano pesadamente encapotado que vem no trenó atrás deles, mas trotando mais por vontade própria

Balzar (2008, p. 8).

Minhas manhãs no *Criadero Siberianos de Fuego*, um dos quatro *criaderos*² de cães de trenó em Ushuaia (capital da Província da Terra do Fogo, na Argentina), sempre começavam de forma estrondosa. Por volta das dez horas, após a alimentação dos cães e a limpeza dos *canis*, os *mushers*³ se incumbiam de preparar os cinco trenós para os passeios que, em breve, com a chegada dos primeiros turistas, teriam início. Ao mesmo tempo, os 137 cães de trenó⁴ que convivem ali principiavam a latir ininterruptamente, compondo uma insólita sinfonia canina. Para Hugo Flores, proprietário do lugar⁵, os cães estavam dizendo, entusiasticamente, “quero correr!”, “vamos correr!”.

1 Neste livro, todas as citações diretas de meus interlocutores foram transcritas e mantidas na língua original. Algumas citações indiretas foram traduzidas para o português e deixadas entre aspas. As passagens advindas de referências bibliográficas e documentais foram traduzidas para o português.

2 *Criaderos* são os locais nos quais os cães de trenó são criados e treinados e onde acontecem os passeios turísticos de trenó.

3 “Musher” é o termo utilizado, ao menos na prática turística e desportiva, para designar o humano que conduz o trenó. No inglês, sua definição é “o condutor de um trenó de cães”. Presume-se que o termo seja uma derivação do verbo “mush”, “sair em viagem com um trenó de cães”, que, por sua vez, muito provavelmente deriva de uma alteração dos termos franceses “marchez!” ou “marchons!”, que são “imperativos de marchar ‘adiante’”. Informações disponíveis em: <https://www.lexico.com/en/definition/mush>.

4 São criados, ali, cães das raças Husky Siberiano e Husky Alaskano.

5 Atualmente (2019), [...] *Siberianos de Fuego* é o único *criadero* de cães de trenó em Ushuaia no qual o próprio dono do empreendimento cuida dos cães e é o principal responsável por eles.

Para ele e para os outros quatro *mushers* que trabalham no local – seus dois filhos, Leonardo e Nahuel Flores, além de Jorge e Hernan –, a natureza desses cães é definida pelo trabalho. Do ponto de vista dos *mushers*, estes são cães que, “geneticamente” e “ancestralmente”, amam correr – e, portanto, trabalhar. Para eles, o que define esses cães como animais de trabalho é sua “necessidade natural” de correr e tracionar; puxar um trenó (ou seja, trabalhar) é uma forma de satisfazer uma necessidade canina “natural”. Cães de trenó, nesse sentido, são “naturalmente” trabalhadores.

Além disso, como se verá, treinar esses cães consiste em, principalmente, prepará-los geneticamente, desde a escolha dos cruzamentos à concepção, para a prática do trenó. Os *mushers*, assim, se responsabilizam pela manutenção da “natureza”⁶ desses animais que, de acordo com Hugo, têm uma necessidade instintiva de correr e tracionar. Em suas palavras, “treinar com genética” é “fazer um plano prévio” e, através da convivência e da observação com e dos cães – e da cocriação de uma terceira linguagem (uma linguagem própria e inteligível para e entre cães e *mushers*), como sugeriu Keri Brandt (2004) em seu contexto de pesquisa com cavalos –, os *mushers* põem em prática o que, de seu ponto de vista, constituem os melhores cruzamentos para lograr e perpetuar bons puxadores de trenós (ou seja, bons trabalhadores). A genética canina, já notou Donna Haraway (2003b), é um tema que rende muitas discussões.

Durante minha estadia em campo, outros aspectos dessa relação humano-canina muito particular também afloraram. Ali, para além desse “treino genético”, que, afinal, é uma prática direcionada a cães que contêm em si mesmos muito mais cultura que natureza – são perfeitas naturezas-culturas, tal como Haraway (2008) sugeriu –, os cães de trenó aprendem a tracionar, sobretudo, entre si. São eles que, através de latidos, rosnados, olhares e mordidas, ensinam uns aos outros como se deve puxar um trenó e trabalhar em equipe – esses cães, assim como os *mushers*, têm de saber usar seus corpos (Mauss, 2003). Por meio de uma espécie de “educação para a atenção” (Ingold, 2000), cães “veteranos” orientam cães “novatos” a trabalhar com dedicação, atenção e a ir “sempre adiante”. Nesse sentido, deve-se levar em conta que “o trabalho animal não depende do instinto, mas das competências sociais adquiridas durante o processo de profissionalização” (Porcher & Estebanez, 2020, s/p). “Seja entre humanos, seja entre animais, ou seja, entre humanos e animais, o saber-fazer só é adquirido através da experiência pessoal” (Sigaut, 2009, p. 43). Felipe Vander Velden (2016), entre os cães de caçadores dos Karitiana em Rondônia, notou algo similar.

⁶ “Natureza” era um dos termos utilizados pelos *mushers* para se referir às aptidões dos cães para o trabalho em questão – correr e tracionar um trenó.

Há também momentos em que os animais contrariam os comandos dos *mushers*, especialmente quando se recusam ou dificultam seu atrelamento ao trenó – ou seja, quando não demonstram interesse e/ou desejo de trabalhar. São situações que poderiam, de forma imprudente, ser interpretadas meramente como respostas a uma ação anterior – o ato do *musher* de escolher o animal para trabalhar, por exemplo. Todavia, mais do que uma “ação de resistência”, espero demonstrar, nas páginas que se seguem, que essa recusa canina tem mais a ver com uma forma de negociação, tal como sugeriu Jason Hribal (2007) em outras circunstâncias, entre duas partes envolvidas na (e constituintes da) mesma prática. Se não fosse assim, a própria prática do trenó não seria possível, uma vez que ela se constitui e depende de uma *assemblage* muito particular entre *mushers*, cães e trenós. “Un perro es un perro”, diziam-me os *mushers*, e, com isso, longe de objetificar os animais, o que eles estavam me dizendo era que, sim, cães são cães, se comportam e vivem como cães, não são humanos. Isso não quer dizer que, por serem animais, esses cães não participam ativamente da relação – muito pelo contrário.

Por outro lado, para os turistas, esses cães não são, ou pelo menos não deveriam ser, animais de trabalho. Para eles, os cães latem “desesperadamente” porque ficam presos o dia inteiro, e puxar um trenó é sua única oportunidade de fazer exercício. Ora essa! Cães são animais de estimação, não animais de carga, de trabalho! Não são cavalos! E, no entanto, de janeiro a janeiro, milhares e milhares de turistas lá estão, em meio a lamentos pelos animais, pagando para se divertir. Após a surpresa inicial – afinal, não é todo dia que se vê um cachorro puxando um trenó –, parece até que se esquecem do fato de que estão pagando pelo trabalho dos animais. Ser ou não ser um animal de trabalho, eis a questão. Quiçá haja uma equação entre a percepção dos *mushers* (trabalhadores) sobre os cães como trabalhadores e a dos turistas sobre os cães como... O quê? Primeiro como animais de estimação e, logo em seguida, como meras partes da máquina-trenó? Como proletários? De todo modo, deve-se admitir que é em torno do trabalho animal que gira esse conjunto de percepções dos cães de trenó, e, como veremos, é também em torno dele que a avaliação de outros cães na Terra do Fogo parece se constituir.

Se os *mushers* estão trabalhando, os turistas estão pagando e se divertindo e, já que estão pagando, têm o direito de usufruir (e, talvez, de subjugar) o que (e quem) quer que seja. Disseram-me os *mushers* que, a todo momento, eram tratados com desrespeito pelos turistas; de acordo com eles, só porque estão pagando, as pessoas acham que podem agir da forma que quiserem. Os cães, por sua vez, recebiam carinhos, agrados e beijos dos turistas... até serem atrelados aos trenós. A partir desse momento, os

cães perdiam seu estatuto de (potencial?) animal de estimação e passavam a constituir, assim como os *mushers*, mão de obra, e, portanto, deveriam entregar aquilo que prometiam: divertimento a qualquer custo. David Fennell (2013) elaborou uma ampla discussão sobre animais trabalhando no turismo e sobre o que os turistas desejam e esperam dessa relação, como, por exemplo, ver animais saudáveis e felizes trabalhando para eles. Em suas palavras:

[...] existem 120 bilhões de animais utilizados anualmente em todos os principais setores de animais (laboratórios, criação industrial) cujo bem-estar é afetado pelas ações humanas. Outros 100 milhões são usados como trabalhadores ou para entretenimento e aproximadamente um milhão de animais são mantidos em zoológicos (Fennell, 2013, p. 325).

Animais de trabalho existem. E eles são muitos.

Não obstante, familiarizei-me, ao longo da estadia em campo, com outros cães, envolvidos em práticas diversas com humanos e/ou outros animais. Ushuaia, assim como Río Grande e Tolhuin, as outras duas únicas cidades que constituem a província da Terra do Fogo, na Argentina, enfrentam há muito tempo problemas com o abandono de cães de estimação nas zonas urbanas. São, de fato, muitos animais vagando pelas ruas. Apesar da gravidade da situação, o que parece ser motivo de maior preocupação são os chamados “perros salvajes” ou “perros asilvestrados”.⁷ Nesse contexto, os cães ferais foram excluídos dos domínios do que é humano; eles não mais fazem parte das relações que poderiam lhes atribuir qualquer valor. Quando estão prestando um “desserviço” à sociedade – ou seja, quando não estão tracionando um trenó ou “trabalhando” nas casas *fueguinas* como *pets*, mas sim colocando a economia em risco –, esses cães se tornam um problema a ser resolvido.

Cães abandonados nas ruas perderam, mesmo que temporariamente, suas funções de “animal de companhia”. Cães asselvajados, por sua vez, atacam humanos e outros não humanos, e são cães – animais urbanos e humanos por excelência – vivendo em um espaço “selvagem”, que não é (ou não deveria ser) para eles. Cães abandonados na cidade, tudo bem, é “normal”; por outro lado, cães abandonados nas zonas rurais constituem graves problemas (para os humanos). Nas palavras de Pierre Digard (2012, p. 212, *italico no original*), “a fronteira entre o selvagem e o doméstico nem sempre se passa *entre* as espécies, mas também no *interior* das espécies”. Os estatutos dos cães, ali, parecem ser em larga medida definidos a partir da categoria “trabalho”, e, como

7 Para mais informações, ver o documentário *Fireland Dogs* (2019), dirigido por Juan Dickinson. Ver, também, Fanaro (2024).

se verá adiante, o “selvagem” e o “feral” são segmentos de um sistema de relações mais amplo (Digard, 2012) – co-constituído por um “sistema domesticatório” e um “sistema selvagem”, por assim dizer –, e eles só existem porque, de outra parte, existe o útil, o doméstico e “o que trabalha” (e vice-versa). Natasha Fijn (2015, p. 283) notou o mesmo ao relatar sobre cavalos “selvagens” e “domésticos” na Mongólia: para ela, devemos “evitar ver o doméstico e o selvagem como ‘hiper-separados’ e, em vez disso, pensar neles ao longo de um continuum, onde pode haver considerável cruzamento entre as duas formas”.

Por essas e outras razões, o objetivo principal deste livro é o de pensar esses animais no extremo sul do planeta a partir de uma reflexão sobre o trabalho animal,⁸ buscando, dessa forma, alargar, no campo disciplinar da antropologia, as discussões em torno da categoria “trabalho” a partir da observação desses cães que têm a qualidade de serem puxadores de trenós, bem como daqueles que acabam por constituir um problema na Terra do Fogo justamente pela ausência do trabalho – e, portanto, de uma existência legítima. Para mais, reconhecer que o trabalho é diverso (Vatin, 2019), mesmo o trabalho animal⁹ (Porcher & Estebanez, 2020; Sigaut, 1983, 2007), e que ele vai além do humano, abre possibilidades para pensarmos as relações de trabalho entre humanos e animais como relações que vão além da produção, do mercado e da exploração:

Lembremos que o conceito de trabalho não se refere apenas a relações de coerção, exploração e dominação, mesmo que as relações de trabalho entre chefes e trabalhadores e entre humanos e animais sejam assimétricas. Trabalhar com seres humanos, bem como com animais, é antes de tudo viver juntos e se engajar juntos em uma atividade produtiva de valor [...] os animais engajam sua subjetividade e sua afetividade no trabalho (Porcher & Nicod, 2019, p. 255).

8 Para mais detalhes, consulte: Ambroggi e Argañaraz (2021); Baptistella (2021); Coulter (2016); Fanaro (2020, 2021); Fanaro, Lima, Koosby e Vander Velden (2021); Haraway (2008); Oliveira (2021); Oliveira Neto (2021b, 2022); Porcher (2014, 2017); Porcher e Estebanez (2020); Porcher e Nicod (2019); Porcher e Schmitt (2012); Savalois, Lescureux e Brunois (2013); Taks (2021); Teixeira (2021).

9 François Sigaut, a partir de uma exaustiva sistematização dos trabalhos animais, buscou novos caminhos metodológicos, menos antropocêntricos, para pensar o problema da domesticação. Sua descrição de variados trabalhos animais (incluindo o trabalho que não é apenas motor), permitiu-me alcançar uma visão mais ampla (e mais-que-humana) do trabalho envolvido no contexto aqui apresentado. De acordo com o autor, “é preciso que nos coloquemos do ponto de vista do animal fornecedor e considerar que ele ‘produz’ quatro tipos diferentes de coisas que são utilizadas pelo homem: produtos corporais, energia, comportamentos e signos” (Sigaut, 1983, p. 45). O trabalho animal, então, é tão diverso quanto o trabalho humano: cães, por exemplo, tracionam trenós, farejam e localizam de minas terrestres a trufas, são pastores, símbolos de status social e, mesmo, carne e pele. Se essa diversidade não for levada em conta, acabaremos por “mostrar o etnocentrismo mais banal para tratar todos esses usos [dos diversos produtos animais] que nos parecem estranhos como se fossem apenas curiosidades sem importância” (1983, p. 45).

Além disso, relações de domesticação, se pensadas via cuidado e comensalidade (Costa, 2013), abrem outros caminhos que não os da exploração e do abuso animal. Como espécie companheira que é, o cão pode, sim, se propor a trabalhar em prol do coletivo, e, para além de dominação e controle, amor e cuidados também fazem parte da equação. Para Anna Tsing (2012, p. 141), “dominação, domesticação e amor estão profundamente emaranhados”. Portanto, guia a etnografia cá apresentada a sugestão de Heather Swanson, Marianne Lien e Gro Ween (2018, p. 4), de que, nos estudos multiespécies, carecemos descentralizar as narrativas tradicionais de domesticação e re-centralizar nossas análises nas “práticas contínuas de domesticação”.

Este livro é fruto de pesquisa de campo realizada ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2018, cujo objetivo foi estudar as relações entre humanos (especialmente *mushers* e turistas) e cães de trenó em Ushuaia. A etnografia se concentrou nos passeios turísticos de trenó, na criação dos cães e no *Encuentro Musher*, uma pequena corrida de trenós local que teve sua primeira edição em 2016. Nesse contexto, busquei desvelar o que são e o que podem esses cães, bem como suas relações com os *mushers* e com os turistas, e a relação entre cão, trenó e humano, a partir da etnografia das relações material-semióticas¹⁰ (Kohn 2007, 2013; Lestel, Brunois, & Gaunet 2006; Lien & Law, 2011; Kulick, 2017) co-constituídas entre humanos e não humanos naquele contexto. Nesse sentido, mais do que atribuir agência às coisas (ao trenó, por exemplo), o que se buscou neste trabalho foi desvelar que a agência é uma propriedade emergente, que surge do encontro entre humanos e não humanos. O propósito foi, então, a elaboração de uma etnografia multiespécies (Kirksey & Helmreich, 2010), que levasse em conta tanto humanos quanto cães (e trenós), e com a qual se espera contribuir para a antropologia das relações humano-animal, para a antropologia da técnica e para a compreensão da miríade de relações possíveis entre seres humanos e caninos.

O projeto de pesquisa que deu origem ao que aqui se apresenta tomou forma depois que estive em Ushuaia, pequena cidade localizada no extremo sul da Argentina e capital da Província da Terra do Fogo, em março de 2015. Com quase sessenta mil habitantes (2019), Ushuaia é uma das três cidades que compõem a província mais austral daquele país. Ali, chamou-me a atenção o grande número de cães andando pelas ruas, soltos e sem a companhia de seus putativos donos. Naquele momento, a ideia de desenvolver uma pesquisa que tomasse por objeto esses cães e suas relações

¹⁰ Assumo as relações práticas e semióticas como indissociáveis e mutuamente constituídas. Nas palavras de Marianne Lien e John Law (2011, p. 82), “realidades e distinções são sempre feitas nas práticas [...] elas simplesmente não existem fora das relações feitas nas práticas”.